



Apresentação

Nos subterrâneos de todo meio de comunicação, por mais elaborado tecnologicamente que ele possa ser, haverá sempre camadas profundas a serem consideradas, sempre haverá múltiplas texturas arqueológicas ou complexas 'arquitexturas' a serem evocadas. Uma delas, talvez uma das mais profundas, se configura na lei formulada por Harry Pross: *toda comunicação começa no corpo e termina no corpo*. Isto significa que na memória profunda de toda linguagem da mídia estarão registradas as pontes entre os dedos e as digitações, as mãos e as manipulações, os olhos e as imagens e visões, os ouvidos e as vozes e os sussurros, a boca e o sopro, a língua e o saber, a pele e o pensamento, todos em suas manifestações necessariamente corpóreas, temporais e tridimensionais. As arquiteturas da mídia são os elos e vínculos com as fundações da memória do homem. Assim, estudar a diversidade das manifestações mediáticas significa trazer à tona as texturas arcaicas que originaram os diferentes meios, significa resgatar suas tatilidades ocultas, as suas memórias corporais. O que reúne os artigos do presente número da **Ghrebh-** é, na diversidade das manifestações mediáticas, este fio condutor: da conversa com as máquinas ao corpo, do cinema aos jogos na televisão, do grafismo no jornal aos desígnios da moda, do sujeito perdido às construções mitopoéticas, da música à paisagem dos cactos e do deserto, da 'popização' da cultura à sinfonia do vento. As arquiteturas da mídia evocam não um sentido, mas os sentidos.

Norval Baitello Junior

Inverno de 2003

